

Teoria francesa: o que resta

Organizadores

Michel Mingote (UFJF)
Nabil Araújo (UERJ)
Paulo Benites (UTFPR)

“Teoria Francesa”, aqui, é uma tradução para a expressão “French Theory”, a qual, por sua vez, traduz, no âmbito da academia estadunidense, a impressão de coesão que emerge sob certo olhar lançado à distância para a história da filosofia francesa do último quarto do século XX (cf. Cusset, 2008; Alfandary, 2022). Expressão controversa, sobretudo pelo efeito de aglutinação, a título de um movimento coerente, de obras díspares entre si e de nomes de autores que nunca se consideraram parte de uma pretensa escola de pensamento, a exemplo de Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard, Jacques Rancière, Alain Badiou, Jean-Luc Nancy, Philippe Lacoue-Labarthe, Jacques Lacan, Félix Guattari, Louis Althusser, Julia Kristeva, Hélène Cixous, Bruno Latour.

Não obstante, mostra-se decisiva para todos esses autores a “questão da língua”, como observa Isabelle Alfandary (2022, p. 61), para quem “[s]e fosse necessário encontrar uma temática para reunir estes últimos sob uma bandeira comum, essa poderia ser a da tradução”: não apenas entre línguas naturais, mas também entre discursos e entre disciplinas. Daí certo hábito, consolidado a partir da chamada “virada linguística” nas humanidades, e sobretudo nos estudos literários, de se referir à Teoria Francesa e seus desdobramentos anglófonos simplesmente como “Teoria” (cf. Culler, 1999), e, conseqüentemente, de se tomar o período que se segue à sua idade de ouro (1960-1990) como um “After Theory”, para evocar a célebre fórmula de Terry Eagleton (2005).

Mais recentemente, sobretudo nos Estados Unidos e na França, mas também no Brasil, no debate público em torno do “woke” e do “wokismo”, tem-se associado a Teoria Francesa à emergência das filosofias e políticas identitárias contemporâneas, ao mesmo tempo em que se decreta a necessidade de sua superação como suposta ideologia niilista e anti-humanista (cf. Forest, 2023).

No aniversário das mortes de dois de seus maiores nomes – Michel Foucault (1926-1984) e Jacques Derrida (1930-2004) –, este número da *Revista de Letras* (UTFPR) reúne artigos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros em torno do tema “Teoria Francesa: o que resta”.

Ao colocar em cena a questão em torno de **O QUE RESTA DA TEORIA FRANCESA**, pensando-se, é claro, na franquia “Foucault, Derrida, Deleuze & Cia.” (Cusset, 2008), mas considerando-se, com Alfandary (2022, p. 60-61), que “[a] *French Theory* não é exclusivamente francesa”, fazendo-se necessário acrescentar ao repertório em questão nomes como os de Giorgio Agamben, Judith Butler, Homi Bhabha, Edward Said, Slavoj Žižek, Antonio Negri, Fredric Jameson, Gayatri Spivak, entre outros, é possível perguntar de que autores e obras da Teoria Francesa pode-se dizer que permanecem relevantes nos estudos literários e culturais, dentro e fora do Brasil, e por quê? No bojo dessas reflexões, os textos de Max Hidalgo Nácher – “O que resta – da literatura” – e de Lucas Negri – “Dois franceses entram no bar... da teoria” –, já dão o tom sobre os diferentes modos de se encarar a questão.

Para Hidalgo Nácher, desde um ponto de vista disruptivo à luz do pensamento de Jacques Derrida, há um jogo entre literatura e verdade, entre a linguagem e seus limites de representação, entre os modos como a própria ideia de literatura forja sua relação com o impossível. É a partir desse jogo constante que o autor

coloca em cena as mortes e sobrevivências da literatura, cotejando os modos com que Derrida mobiliza outros pensadores, como Blanchot, mas também Barthes e Foucault, para abordar as disseminações da literatura.

Nessa esteira, Lucas Negri, ao aproximar o pensamento de Jacques Derrida ao de Alain Badiou, também questiona o termo “Teoria Francesa” como um conceito conciliador e homogêneo. Para Negri, os dois pensadores mobilizam uma crítica que nos impulsiona a refletir sobre o *lugar* – filosófico, institucional – do exercício do pensamento. Como se nota na leitura do artigo, o *lugar* do pensamento, e da “Teoria Francesa”, por extensão, é sempre *movência*.

Um segundo ponto de interesse do presente Dossiê é pensar sobre **O QUE RESTA NA TEORIA FRANCESA**. Se se considera, ainda com Alfandary (2022, p. 64), que algo em comum entre diversos nomes da Teoria Francesa é o de serem todos “grandes leitores e comentadores da filosofia alemã” – Kant, Hegel, Nietzsche, Marx, Freud, Husserl, Heidegger –, seria preciso atentar também para aquilo que restaria de uma tradição teórica na outra, de uma através da outra. O que teria se transmitido, afinal, ao modo de “contrabando”, desses autores alemães e suas obras, através da recepção da Teoria Francesa em contextos acadêmicos diversos? Podemos mencionar, aqui, as contribuições de Ricardo Namora – “As marcas do demônio: ficção e filiação na teoria francesa” –, de Sergio Pastormerlo – “A sociologia cultural de Pierre Bourdieu: uma ciência do incômodo” – e de Fabio Saldanha – “Horror para todo lado, ou, mais uma tentativa de entendimento do desejo de exclusão de certo passado”.

O texto de Namora coloca em questão os processos de localização e deslocalização do espaço intelectual francófono a partir da dinâmica da filiação, sobretudo a filiação advinda da tradição de pensamento alemã. Se Namora aponta para a dinâmica de filiação como um processo de desconstrução e desestabilização de um campo através do cotejo com outros blocos nacionais distintos, o texto de Sergio Pastormerlo mobiliza o que chama de “ciência do incômodo” a partir de um autor específico, Pierre Bourdieu, para articular um gesto semelhante de desarticulação do campo intelectual francófono. Pastormerlo retoma uma cena da crítica que compreende a chamada “Teoria Francesa” como um espaço intelectual ligado a uma “franquia” – Foucault, Derrida, Deleuze & Co. – que não compreende o pensamento de Boudieu como pertencente a esse lugar. O “incômodo” que figura no título é, no fundo, um efeito crítico de Pastormerlo que demonstra que a sociologia de Pierre Bourdieu não foi compreendida naquilo que provocava de dessacralização da ciência, o que a aproximava muito mais da literatura do que das discussões estruturalistas, talvez.

Ainda no percurso de considerar modos de aproximação e de filiação com outras tradições de pensamento nacionais, o artigo de Fabio Saldanha situa o debate no campo do pensamento crítico brasileiro. Ao retomar os trabalhos de Paulo Arantes e Fábio Durão, o artigo nos situa em torno de um debate sobre os modos como o pensamento crítico brasileiro responde às demandas da desconstrução, e como esse conceito ganha contornos próprios ao se chocar com as especificidades de um país calcado em um passado colonial. Como contraponto e tentativa de aprofundamento desse debate, Saldanha ainda nos permite retomar a discussão sobre o *apartheid* entre Derrida e Lacoue-Labarthe não como um caso similar ao que ocorre no Brasil, mas para adensar seu próprio raciocínio de que os conceitos sofrem modificações de acordo com as reconfigurações possíveis de circulação em mundos diferentes.

Por fim, ao se abrir para pensar que **A TEORIA FRANCESA É O QUE RESTA**, este Dossiê quer também se perguntar se não se poderia dizer da Teoria Francesa ser ela justamente “o que resta”, isto é, aquilo que se deixa rastrear, atualmente, em discursos e práticas diversos sem associação explícita a certos nomes de autores ou de obras. Se o “After Theory” postulado por Eagleton (2005, p. 13) não se deixa confundir com o retorno a “uma idade de inocência pré-teórica”, qual seria, afinal, o legado anônimo da Teoria Francesa nos estudos literários e culturais contemporâneos: temas, objetos, conceitos, estilos? Os artigos de Mariana Pivanti, Ravel Giordano Paz e Maurício Chamarelli Gutierrez são excelentes contribuições nesse debate.

Pivanti coloca em destaque a obra e o pensamento de Hélène Cixous. O artigo mobiliza uma reflexão em torno do gesto de escrita da pensadora franco-argelina, o qual, segundo Pivanti, se dá a partir de uma intrincada relação entre autobiografia, memória, literatura e filosofia. A leitura do artigo de Pivanti nos revela que a escrita de Cixous, por seu caráter performático, além de recuperar e ampliar questões da tradição de pensadores da Teoria Francesa, coloca em xeque a centralidade de um “Eu” ensimesmado, o que pode ser entendido, conforme Pivanti explora, a partir do conceito de *écriture féminine*.

O texto de Ravel Paz propõe uma leitura concentrada na obra *Espectros de Marx*, de Jacques Derrida. A partir do conceito de espectrologia, Paz discute os modos como o pensamento de Derrida, em especial na obra citada, tece uma (re)leitura da noção de gêneros literários. Segundo Ravel, Derrida promove uma “conjuração”, conceito performático que pode sugerir, conforme argumenta o autor do artigo, três momentos de significação que corresponderiam aos três grandes gêneros literários, de acordo com cada uma das partes de composição da obra de Derrida. Trata-se, evidentemente, de um artigo com uma proposta inovadora de leitura de *Espectros de Marx*.

Maurício Gutierrez, por sua vez, também mobiliza o pensamento de Derrida. Sua contribuição para o Dossiê parte de um gesto de aproximação entre Derrida e Jacques Rancière naquilo que os dois pensadores articulam entre o gesto de escrita e a noção de democracia. O texto de Gutierrez tem um apelo abertamente histórico-político, e coloca em cena o veio político de cada um dos pensadores estudados. O artigo nos convida a refletir sobre as políticas da escrita desde um ponto de vista da história da escrita até as revoluções estéticas pensadas à luz de Derrida e Rancière.

Por fim, o Dossiê ainda traz a lume uma entrevista com a professora da UFRJ e tradutora da obra de Hélène Cixous, Flávia Trocoli. A entrevista foi conduzida por Mariana Pivanti (PPGL-UERJ) e toca em pontos significativos da trajetória de Trocoli como uma das pesquisadoras responsáveis por introduzir o pensamento de Cixous no Brasil.

Esperamos que este Dossiê seja uma contribuição sobre os modos como a Teoria Francesa pode ser pensada no Brasil, a partir do Brasil e além. Sobre como a Teoria Francesa figura como aquilo que resta, como o que (ainda) está em movimento.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

ALFANDARY, Isabelle. Porque a “French Theory” não existe. Trad. de Ivi F. Villar. *Qorpus* (UFSC), v. 12, n. 3, p. 57-74, ago. 2022.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

CUSSET, François. *Filosofia francesa: a influência de Foucault, Derrida & Cia*. Trad. de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Trad. de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FOREST, Philippe. *Déconstruire, reconstruire: la querelle du woke*. Paris: Gallimard, 2023.